

## OS IMPACTOS DO DESMATAMENTO NO DOMÍNIO CERRADO

Françoá Ramos da Silva<sup>1</sup> (AC – francoramos12@gmail.com)\*, Matheus Eduardo Souza Teixeira<sup>1</sup> (PO).

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75860-000, Quirinópolis, Goiás.

**Resumo:** O objetivo deste trabalho foi analisar a relação das comunidades tradicionais como uma forma de contrapor a devastação das áreas de Cerrado que ocorrem por meio da ocupação do agronegócio. Para o alcance deste propósito, a metodologia consistiu em uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e bibliográfico sobre o Cerrado, tendo como foco o uso e ocupação dessa área e as comunidades tradicionais inerentes a este território. Tal procedimento de estudo configura como uma revisão bibliográfica, amparada por uma abordagem sistemática para coletar, analisar e sintetizar o conhecimento existente em um determinado campo de estudo. A rica biodiversidade proporcionou, historicamente, a emergência de reprodução socioeconômica e cultural de diferentes grupos humanos, alicerçada por usos, manejos, conhecimentos e representações simbólicas, desenvolvidos por diferentes culturas que conviveram ou se sucederam nas áreas de Cerrado. Tal espaço tem sido freneticamente acionado pelo agronegócio que, norteado pelas ações do Estado, avança cada vez mais sobre este território, ameaçando a existência e os modos de vida das comunidades tradicionais. Vale ressaltar que o Cerrado abriga diversas comunidades tradicionais, como os indígenas, quilombolas, agricultores camponeses, extrativistas e tantas outras. Os modos de vida dessas comunidades tradicionais configuram como importantes meios para a conversação do ecossistema, cuja as paisagens produtivas engendradas, permitem a manutenção dos serviços ambientais oferecidos pelo Cerrado. O avanço do agronegócio que ameaça a preservação do Cerrado coloca em evidência e torna-se ainda mais importante o debate pela manutenção dos modos de vida das comunidades tradicionais, que conservam o domínio por meio do uso sustentável. Portanto, garantir a permanência dos povos e comunidades tradicionais em seus territórios é conservar o Cerrado, suas riquezas e todos os benefícios que o domínio traz para a sociedade e o ecossistema.

**Palavras-chave:** Cerrado. Agronegócio. Comunidades Tradicionais.

### Introdução

O Cerrado abriga diversas espécies de fauna e de flora, algumas inclusive endêmicas, que precisam ser preservadas para manter um ambiente ecologicamente equilibrado. Ainda que este espaço possua uma importância ecológica, o Cerrado enfrenta sérios desafios devido à expansão agrícola, à pecuária intensiva, à mineração e a outros tipos de atividades humanas. A conversão de áreas de Cerrado em terras agrícolas e pastagens tem levado à perda de habitat devido ao desmatamento e à degradação do solo.

Nos últimos anos, há um agravante aumento dos esforços de conservação e conscientização sobre a importância do Cerrado. Unidades de conservação foram criadas para proteger áreas-chave e diversas organizações não governamentais,

cientistas e comunidades locais têm trabalhado para promover práticas sustentáveis e de proteção preservar a riqueza natural desse domínio.

De forma contrária à devastação do Cerrado, cresce a discussão das comunidades tradicionais como guardiãs dessas áreas naturais, ou seja, povos nativos dessas áreas que, através do seu modo de vida, conservam este lugar, conduzindo, assim, para uma preservação do Cerrado. Diante do exposto, o objetivo deste trabalho foi analisar a relação das comunidades tradicionais como uma forma de contrapor a devastação das áreas de Cerrado que ocorrem por meio da ocupação do agronegócio.

Vale ressaltar que o desmatamento e as queimadas vêm trazendo uma devastação na vegetação do Cerrado. Essa ação traz vários prejuízos para o meio ambiente e à biodiversidade das áreas, agravando a questão relacionado aos eventos extremos climáticos, desequilíbrio ambiental, alterações no solo e nos recursos hídricos, entre outros fenômenos.

O desmatamento e as queimadas cresceram no cerrado goiano, em 2021 e atingiram níveis elevados para a última década. Considerando os primeiros oito meses do ano de 2021, o Domínio Cerrado, de acordo com os dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), teve o seu maior número de focos de incêndio desde 2012 (WATANABE, 2021), o que reforça e acende um alerta para a conservação destas áreas.

### **Considerações Metodológicas**

Para a realização da presente pesquisa, os procedimentos metodológicos que nortearam este trabalho foram divididos em algumas etapas fundamentais, visando o desenvolvimento pleno da pesquisa. Para tanto, a metodologia do estudo consiste em uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e bibliográfico sobre o Cerrado, tendo como foco o uso e ocupação dessa área e as comunidades tradicionais inerentes a este território.

O procedimento de estudo de revisão bibliográfica é uma abordagem sistemática para coletar, analisar e sintetizar o conhecimento existente em um determinado campo de estudo. É uma maneira de obter uma visão abrangente e

atualizada sobre o tema em questão, examinando e integrando as descobertas e ideias de diversos estudos publicados.

Assim, realizou-se uma revisão bibliográfica, em que foram observadas questões objetivas/subjetivas acerca da temática, bem como as variadas linhas de pensamento para a consolidação do entendimento deste trabalho. Destacam-se alguns temas, tais como: Domínio Morfoclimático do Cerrado; Expansão da Agricultura nas áreas de Cerrado; Desmatamento, Comunidades Tradicionais. Por fim, procedeu-se com a redação final da pesquisa, que, após as observações apontadas, respondeu ao objetivo proposto, bem como à problemática que a alicerçou.

## Resultados e Discussão

A compreensão dos novos padrões de produção agrícola específicos das regiões centrais do Cerrado brasileiro deve passar pela perspectiva das políticas públicas. Essas foram, ao longo dos diferentes períodos da história brasileira, as principais formas de modernização do campo (INONÊNCIO; CALAÇA, 2009).

Os mesmos autores indicam que o processo de modernização do campo foi determinado de fora para dentro do setor agropecuário, ou seja, diante de uma indústria e do capital industrial, sendo norteadada pelo Estado, por meio de políticas públicas direcionadas para esta modernização (INONÊNCIO; CALAÇA, 2009).

Assim, uma série de políticas públicas, financiadas pelo Estado, permitiram a expansão de atividades agropecuárias no Domínio do Cerrado, sobretudo a agricultura de grãos, como a soja. Inocêncio e Calaça (2009) indicam que as atenções do Brasil no final do século XX eram voltadas para o Cerrado, que foram proporcionadas para o cultivo agrícola por meio dos avanços tecnológicos desenvolvidos pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), além de projetos de ocupações do Governo Federal, sendo uma delas primeira "Marcha para o Oeste" com a implantação de colônias agrícolas.

Através de políticas públicas, o Estado atua no reordenamento do território, no Cerrado, este caso inicia através do Programa de Desenvolvimento do Cerrado (PRODECER), promovendo uma reestruturação territorial, substituindo antigas produções cultivados (arroz, mandioca, etc.), por outras mais rentáveis e de interesse

global, sobretudo com a soja, algodão, milho e etc. Desta maneira, podemos destacar que o processo de reestruturação do território, e especificamente do Cerrado, foi fomentado pelo Estado (INONÊNCIO; CALAÇA, 2009).

Cerca de 16% da área de produção de soja em fazendas apresentam fortes indícios de irregularidade ambiental – tal valor representa cerca e três milhões de hectares. O levantamento ainda indica que em torno de 80% da produção derivada dessa área foi exportada, sendo que 44% foi direcionada para a China e 13% para União Europeia, além de 19% que foram comercializados no mercado interno (WATANABE, 2023).

É deste modo que podemos identificar que o Domínio Cerrado tem sido o *locus* de produção agrícola no Brasil desde o final do século XX e que tem se intensificado ainda mais no período atual. De modo que, se as políticas públicas não fomentarem a preservação deste ecossistema, será ainda mais significativa a perda da biodiversidade. Para tanto, as comunidades tradicionais emergem como uma relação protetora das áreas de Cerrado, ou seja, apontadas como guardiãs do Domínio.

As comunidades tradicionais do Cerrado referem-se às comunidades formadas por índios, quilombolas, camponeses, vaqueiros, artesãos, pescadores, extrativistas etc., que são herdeiras históricas de diferentes formas de uso, manejo, conhecimento e representações simbólicas relativas a esse domínio. As tradições se caracterizam em atividades acerca de estratégias de reprodução socioeconômica e cultural relacionadas com as diversificadas conformações regionais que o Cerrado assume e com as variadas particularidades culturais dessas comunidades em cada parte desse domínio (RIBEIRO, 2020, p. 4).

Diegues (1992) aponta que as comunidades tradicionais estão relacionadas com o tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Essas comunidades, os produtores independentes, inserem-se em atividades econômicas de pequena escala, tais como: agricultura e pesca, coleta e artesanato.

Desta maneira, as comunidades tradicionais são agrupamentos de pessoas com relação estreita com o ecossistema Cerrado, suas práticas de plantio predominam-se por meio de plantação de subsistência de trabalho familiar, e a criação de gado é praticamente de pequeno porte de forma extensiva principalmente sobre o estrato fisionômico de Campo limpo e a coleta de plantas, ervas medicinais e frutos,

madeira são basicamente para sua própria sobrevivência e manutenção de suas relações sociais e culturais (DIEGUES, 1992).

O domínio Cerrado abriga cerca de 216 Terras Indígenas (TIs), abarcando 83 etnias distintas. Essas Terras Indígenas estão inseridas principalmente nos estados do Maranhão, Tocantins, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, cuja a população indígena total é de aproximadamente 100 mil habitantes (MUSEU DO CERRADO, 2017; ISPN, 2023). Vale ressaltar que boa parte dessas Terras Indígenas não passaram pelo processo de regularização fundiária, circunstância que acarreta em sérios conflitos, o que corrobora para a ameaça e extinção de diversos grupos indígenas (ISPN, 2023).

Além das Terras Indígenas, as áreas de Cerrado também abrigam, atualmente, 44 territórios quilombolas, comunidades remanescentes do período da escravidão, que seguem lutando e reivindicando o reconhecimento de seus territórios e pela manutenção de sua cultura, tradições e modos de viver (REDE CERRADO, 2018). Um dos exemplos mais conhecidos dessa comunidade são os Kalungas, comunidade quilombola localizada na Chapada dos Veadeiros, ao norte de Goiás, reconhecida no ano de 1991 como patrimônio histórico e cultural brasileiro, reconhecido, também, pela ONU como primeiro território no Brasil conservado pela comunidade (LOPES, 2021). Os Kalungas realizam a manutenção dos seus modos de vida, com plantios de roças, criação de animais e conhecimento dos usos das plantas do Cerrado, seja para fins alimentícios, medicinais e utilitários (ISPN, 2023).

Além das comunidades indígenas e quilombolas, o Cerrado possui diversas outras comunidades tradicionais, tais como: agricultores camponeses, extrativistas, geraizeiros, vazanteiros, quebradeiras de coco, ribeirinhos, catadores de mangaba, pescadores artesanais, povos ciganos, povos do terreiro, etc.

As comunidades tradicionais são caracterizadas por grupos de cultura ancestral que vivem, especialmente, de modos de vidas em sintonia com a natureza, seja através do extrativismo, artesanato, agricultura familiar, pesca e coleta de alimentos, etc. Os modos de vida dessas comunidades configuram como importantes meios para a conservação do ecossistema, cuja as paisagens produtivas engendradas, permitem a manutenção dos serviços ambientais oferecidos pelo Cerrado.

Em que pese a manutenção das comunidades tradicionais figurarem como importante instrumento de preservação do Cerrado, o Estado tem se apresentado como fomentador de políticas de expansão do agronegócio nessas áreas. Dessa maneira, muitas dessas comunidades estão testemunhando a devastação do Cerrado que as rodeiam, se tornando praticamente ilhas de áreas conservadas no domínio (ISPN, 2023).

O avanço do agronegócio que ameaça a preservação do Cerrado coloca em evidência e torna-se ainda mais importante a preservação dos modos de vida das comunidades tradicionais, que conservam o domínio por meio do uso sustentável, um serviço ambiental de ganhos inestimáveis (ISPN, 2023). Neste sentido, garantir a permanência dos povos e comunidades tradicionais em seus territórios é conservar o Cerrado, suas riquezas e todos os benefícios que o domínio traz para a sociedade e o ecossistema.

### **Considerações Finais**

O Cerrado, sobretudo a partir do final do século XX, caracteriza-se por ser uma área muito acionada pelo agronegócio. Esta expansão do agronegócio no Cerrado ocorre, sobretudo, por um conjunto de ações do Estado, tornando-se o maior fomentador dessa prática nociva para domínio. Desta forma, o Cerrado conheceu uma significativa modernização da agricultura para que se tornasse possível a expansão agrícola neste determinado território.

Desta maneira, as ações do Estado foram os principais norteadores para a expansão agrícola no Cerrado, com políticas públicas que favoreceram o agronegócio nesta área, cuja a participação contou com uma importante parceria do Japão, consolidada, sobretudo, após o governo dos Estados Unidos, em 1970, ter criados dificuldades para a exportação da soja, e como o Japão era dependente deste tipo de mercado, houve a necessidade de buscar outras áreas para este tipo de abastecimento.

Através desta parceria entre o Brasil e o Japão foi possível a expansão agrícola nas áreas de Cerrado, e esse fato vai dividir opiniões, pois a modernização acabou desmatando áreas do cerrado, introduzindo a mecanização e impondo a monocultura extensiva. Com isso, o êxodo rural esteve ainda mais presente neste período, pois

com a mecanização, as máquinas substituem o serviço dos trabalhadores rurais, e assim, muitos abandonam o campo e foram para o meio urbano, na tentativa de inserir-se no mercado de trabalho. Vale destacar que foi através desta política que se expandiu o agronegócio no Cerrado, possibilitando a expansão de uma produção vinculada ao sistema capitalista.

A expansão do agronegócio nas áreas de Cerrado tem criado uma série de implicações ambientais, sobretudo em temas como o desmatamento, uso predatório de recursos hídricos, contaminação em várias escalas, circunstâncias estas que prejudicam sobremaneira o Cerrado e que contribuem para uma alteração da dinâmica climática do mundo, promovendo ainda mais os eventos extremos climáticos cada vez mais intensos.

Além disso, o agronegócio tem avançado em áreas de comunidade tradicionais do Cerrado, capturando essas áreas de povos que mantêm seus modos de vida em harmonia com o ecossistema e utilizando para uma dinâmica de produção totalmente nociva para o ambiente.

Vale ressaltar que o trabalho aponta a manutenção dessas comunidades tradicionais como uma contraposição ao modelo produtivo do agronegócio, ou seja, como modelo de preservação do Cerrado. Sabe-se que o modo de vida das comunidades tradicionais se caracteriza como significativos meios para a conversação do ecossistema, cujo modelo de produção permite a preservação dos serviços ambientais oferecidos pelo Cerrado.

Portanto, é fundamental que o Estado garanta e fomente não só a preservação do Cerrado, mas também para a manutenção das comunidades e povos tradicionais, corroborando para um meio ambiente ecologicamente equilibrado. Do contrário, a continuidade do sistema produtivo empregado atualmente, nos aponta para um mundo, indicado por Enrique Leff, de colapso ambiental.

### **Agradecimentos**

Agradecemos à Universidade Estadual de Goiás, Campus Sudoeste, Sede Quirinópolis, pela infraestrutura oferecida, fundamental para a elaboração e execução desta pesquisa.

### **Referências**

DIEGUES, A. C. S. As populações tradicionais: conflitos e ambiguidades. In: DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1993.

INONÊNCIO, M. E.; CALAÇA, M. Cerrado: Fronteira da produção agrícola capitalista do século XX. **XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária**, São Paulo, 2009, pp. 1-16.

ISPN – Instituto Sociedade, População e Natureza. **Povos e Comunidades Tradicionais do Cerrado**. 2023. Disponível em:

<https://ispn.org.br/biomas/cerrado/povos-e-comunidades-tradicionais-do-cerrado/>.

Acesso em: 14 out. 2023.

LOPES, L. Quilombo Kalunga é reconhecido pela ONU como primeiro território no Brasil conservado pela comunidade. **G1 Goiás**. 11 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2021/02/11/quilombo-kalunga-e-reconhecido-pela-onu-como-primeiro-territorio-no-brasil-conservado-pela-comunidade.ghtml> Acesso em: 15 out. 2023.

MUSEU DO CERRADO. **Conheça os povos indígenas do Cerrado**. Ikorê. 2017. Disponível em: <https://museucerrado.com.br/povos-indigenas/>. Acesso em: 14 out. 2023.

REDE CERRADO. **Quilombolas**. 2018. Disponível em:

<https://redecerrado.org.br/nota-publica-de-denuncia-de-racismo-ambiental-no-cadastramento-de-comunidades-quilombolas/quilombolas/>. Acesso em: 14 out. 2023.

RIBEIRO, R. F. Entre as várias vidas dos gatos e as muitas identidades dos camaleões: as comunidades tradicionais do Cerrado Mineiro. **Élisée, Rev. Geo.** UEG – Goiás, v. 9, n. 2, jul./dez., 2020. Disponível em:

<https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/10867>. Acesso em: 20 ago. 2023.

WATANABE, P. Milhões de hectares de soja estão em fazendas com indícios de problemas ambientais, aponta estudo. **Folha de São Paulo (Ambiente)**. 25 de setembro de 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2023/09/milhoes-de-hectares-de-fazendas-de-soja-tem-indicios-fortes-de-problemas-ambientais-aponta-estudo.shtml>. Acesso em: 24 nov. 2023.

WATANABE, P. Queimadas no cerrado são as piores desde 2012. **Desmatamento**. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2021/09/queimadas-no-cerrado-sao-as-piores-desde-2012.shtml>. Acesso em: 20 abr. 2023.